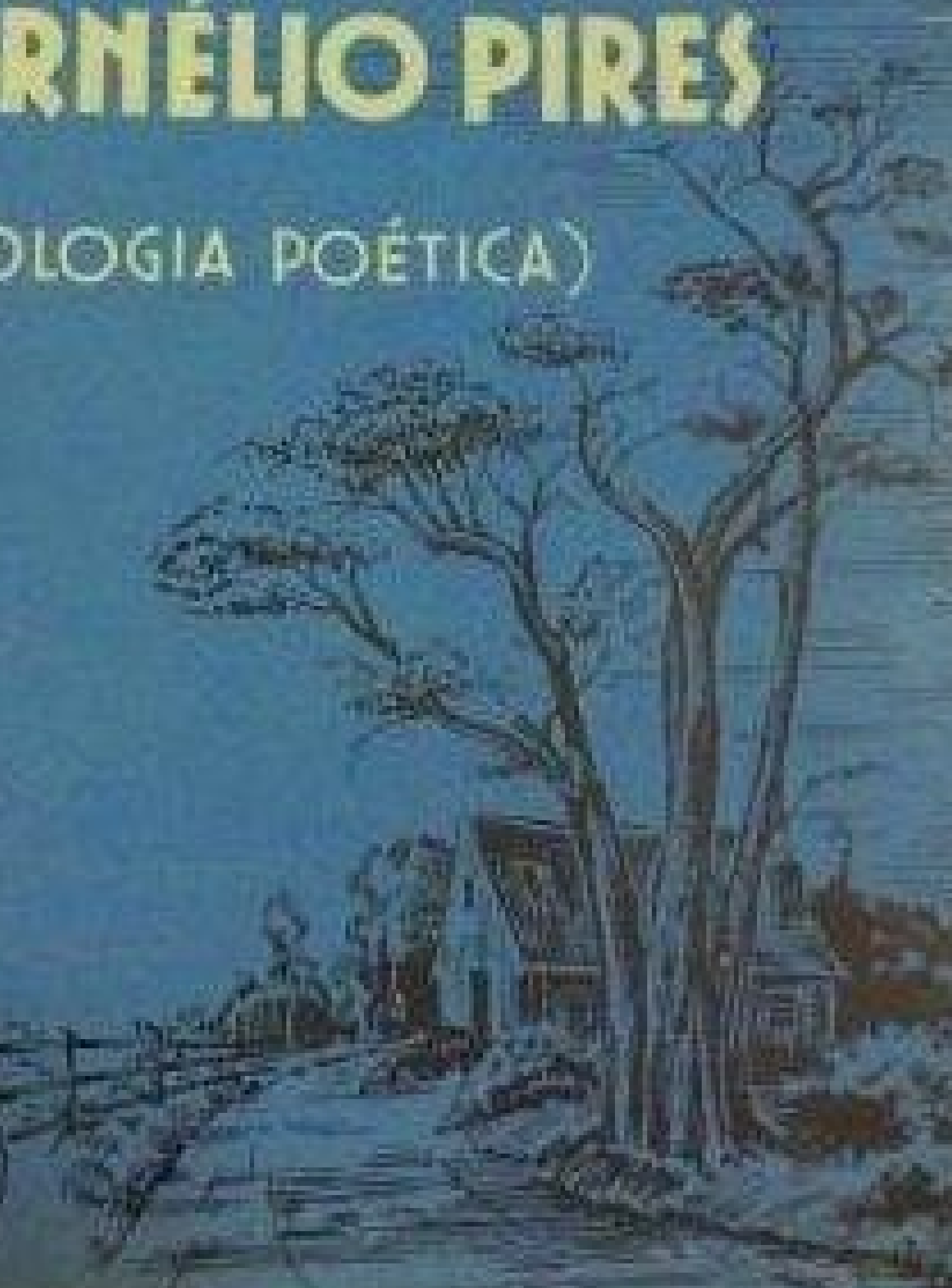


FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER
WALDO VIEIRA

O ESPÍRITO DE CORNÉLIO PIRES

(ANTOLOGIA POÉTICA)



O ESPÍRITO DE CORNÉLIO PIRES

Francisco Cândido Xavier
Waldo Vieira

O Espírito de Cornélio Pires

(ANTOLOGIA POÉTICA)



Apresentação de ELIAS BARBOSA



FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA
DEPARTAMENTO EDITORIAL
Rua Souza Valente, 17 - ZC-08
e Avenida Passos, 30 - ZC-58
20000 — Rio, GB — Brasil

2ª edição

Do 6.º ao 15.º milheiro

Capa de CECCONI

Retrato por MESSIAS

63-BB; 002.01-T; 1/1974

B.N. 15.601

Copyright 1966 by

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA

(Casa-Mãter do Espiritismo)

AV. PASSOS, 30 — ZC-58

20000 — Rio, GB — Brasil

Composição e impressão

Oficinas Gráficas do Depto. Editorial da FEB

Rua Souza Valente, 17 — ZC-08

20000 — Rio, GB — Brasil

C. G. C. n.º 33.644.857/02 I. E. n.º 097.035.01

Impresso no Brasil

PRESITA EN BRAZIL

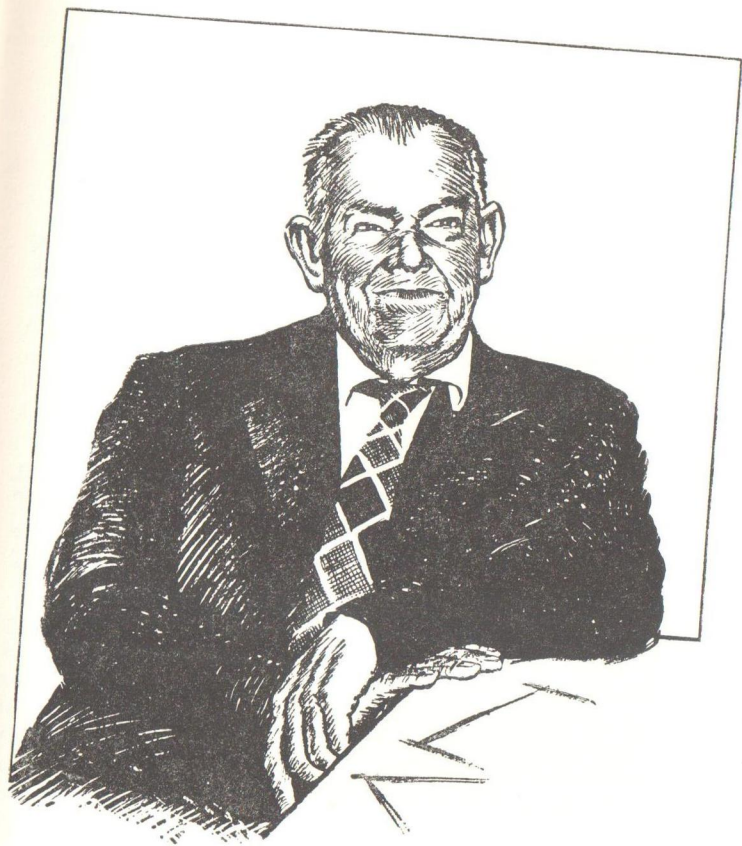
Índice (*)

<i>Cornélio Pires (retrato)</i>	9
<i>Nota de limiar</i>	11
1 — DESPEDIDA DE VITAL	33
2 — “Frasas do jazigo escuro”	34
3 — “Li num sepulcro de pedra”	34
4 — “Paixão que vem de outras vidas”	34
5 — “Reencarnação!... Vejo agora”	34
6 — A MENSAGEM E A RESPOSTA	35
7 — “Alguém gravou no carneiro”	36
8 — “Da lousa do mestre Armando”	36
9 — “Lalau liquidou Quinquim”	36
10 — “Quem mata o tempo na vida”	36
11 — A MORTE DE NHÁ MINA	37
12 — “Na cova do jasmineiro”	38
13 — “Li no túmulo de Ormino”	38
14 — “Qualquer defeito é mal grande”	38
15 — “Maricotinha enjeitou”	38
16 — NA MESMA MOEDA	39
17 — “Alguém escreveu na lousa”	40
18 — “Na sepultura comum”	40
19 — “Não largues ao bem-querer”	40
20 — “Seguro morreu de velho”	40
21 — A ENXADA	41
22 — “Inveja em torno? Desculpa”	42
23 — “A luta pior da vida”	42
24 — “Independência real”	42

(*) Com os primeiros versos das trovas, entre aspas.

25 — “Muito herói parece quadro”	42
26 — CONFORTINHO	43
27 — “Seja o crime mais perfeito”	44
28 — “Põe na peneira do exame”	44
29 — “Em qualquer parte onde o crime”	44
30 — “Silêncio é ouro — legenda”	44
31 — PARTIDA DE NHÁ COTA	45
32 — “Grande inscrição de lembrança”	46
33 — “Legenda na sepultura”	46
34 — “Causa e efeito — lei segura”	46
35 — “Quem lhe fala, meu amigo”	46
36 — NO RIO DAS LÁGRIMAS	47
37 — “Saudade, às vezes, no Além”	48
38 — “Dinheiro lembra no fundo”	48
39 — “Não mexas com vida alheia”	48
40 — “Reencarnação — benefício”	48
41 — TERRAS DE NHÔ QUINCA	49
42 — “Renova-te! Alguém já disse”	50
43 — “Pão que sobra é contrabando”	50
44 — “Caridade indiscutível”	50
45 — “Provérbio que o povo diz”	50
46 — PAIXÃO DE “SÁ” BILUVA	51
47 — “Felicidade é a soma”	52
48 — “Longevidade não vem”	52
49 — “Devagar que tenho pressa”	52
50 — “Nem sempre os males são males”	52
51 — E FOI-SE EMBORA	53
52 — “Vingança perante a ofensa”	54
53 — “Mais vale saber que ter”	54
54 — “Ventura que não se perde”	54
55 — “Infeliz não é aquele”	54
56 — NHÔ MANDUCO	55
57 — “Reencarnação!... Que estopada!”	56
58 — “Afeição cega a razão”	56
59 — “Se o coração está rico”	56
60 — “Provérbio claro e bem-posto”	56
61 — NOTÍCIA DA AVAREZA	57
62 — “Se a prece não me auxilia”	58
63 — “Deveres nas provações”	58
64 — “Há casamento de prova”	58

65 — “Não julgues a vida errada”	58
66 — A TAGARELA	59
67 — “Lição que toda pessoa”	60
68 — “Micróbio! Um bichinho inquieto”	60
69 — “Descrença? Ninguém se importe”	60
70 — “Preguiça quando conversa”	60
71 — MATAVA POR PRAZER	61
72 — “Ah! bela mulher fatal”	62
73 — “Explica a reencarnação”	62
74 — “Para o mundo sabichão”	62
75 — “Confesso os enganos meus!”	62
76 — CÉU, INFERNO E PURGATÓRIO	63
77 — “Riquezas de sepultura?”	64
78 — “Conversa de festa e arte”	64
79 — “Entusiasmo onde esteja”	64
80 — “Às vezes o bem, no mundo”	64
81 — NHÁ BELA	65
82 — “Compaixão inoportuna”	66
83 — “As pessoas preguiçosas”	66
84 — “Discernimento e bondade”	66
85 — “Invejoso inteligente?”	66
86 — O FAZEDOR DE CAIXÕES	67
87 — “Obrigações pequeninas”	68
88 — “Beleza, glória, alegria”	68
89 — “Humanidade — um só povo”	68
90 — NOVENTA CRUZEIROS	69
91 — “Ninguém consegue alterar”	70
92 — “Caridade que deseje”	70
93 — “Felicidade reclama”	70
94 — ESCONJURO	71
95 — “Quem foge ao mar não se afoga”	72
96 — “Dinheiro e palha — um só peso”	72
97 — “Não há noite tão profunda”	72
98 — BOTA-FORA DE NHÔ CHICO	73
99 — “Onde a força manda em tudo”	74
100 — “Doutrinação sem trabalho”	74
101 — “Ensino sem boas obras”	74
102 — “Nem sempre existe defeito”	74



CORNÉLIO PIRES

Nota de limiar

Falar sobre a vida de Cornélio Pires, se não é em presa das mais arrojadas, é, contudo, das mais difíceis à face da riqueza de fatos que lhe pontilharam o jornadejar de autêntico homem do povo, poeta, folclorista, conferencista, cinegrafista, radialista, jornalista, contista — um mestre do humorismo brasileiro, daquele humorismo sadio e bem nacional, com características inconfundíveis.

Filho de Raimundo Pires de Campos Camargo e de D. Ana Joaquina Campos Pinto, nasceu Cornélio em Tietê, Estado de São Paulo, no dia 13 de julho de 1884, e desencarnou na capital paulista, a 17 de fevereiro de 1958, guardando-se-lhe o veículo físico na terra natal.

De infância movimentada entre folguedos mil às margens do Tietê, não se entregou quanto seria de desejar à disciplina estudantil. Mais tarde, em S. Paulo, reconheceu a necessidade de convivência com os livros e, após a tentativa infrutífera de partilhar um concurso para a Faculdade de Farmácia, instado pelo mineiro Lúcio Brandão passou Cornélio Pires a desempenhar modestas atividades na redação de «O Comércio de São Paulo», sofrendo, inicialmente, dificuldades próprias dos iniciantes. Mas o distinto jornalista, que lhe granjeara a colocação, não se cansava de auxiliar o futuro autor de «Musa Caipira», em tudo o que lhe fôsse possível.

Desse emprego, passou Cornélio para o jornal «O São Paulo», onde trabalhava seu primo Amadeu Amaral. Segundo Joffre Martins Veiga, «quando deixava a sala dos redatores daquele órgão, Amadeu Amaral recomendou a ele: — «Seja bom, Cornélio...»

E o distinto autor de «A Vida Pitoresca de Cornélio Pires» acrescenta: «Conselho que o grande humorista sempre seguiu em sua exuberante existência. Ninguém amou tanto sua gente como Cornélio Pires; ninguém se preocupou tanto com seus semelhantes como esse homem, que foi, antes de tudo, um bom. A bondade foi o traço característico de sua individualidade, sublinhada com o desprezimento material. Alma simples, coração maior do que o corpo, ele vivia eternamente preocupado com a felicidade e o bem-estar dos outros. Era um coração aberto, sempre pronto para servir a todos que dele se aproximassem. Impressionava pelo calor humano que inspirava. Nunca negou nada a ninguém. Seu jeito simples, sua fala mansa, sua fisionomia bonacheirona, revelavam bondade, irradiavam simpatia, infundiam confiança...» (1).

Cornélio foi ainda grande amigo do poeta Martins Fontes, que dizia encontrar nele «um puro bandeirante, um artista incansável, enobrecedor da Pátria e enriquecedor da língua» (2).

Em diversas cidades do interior de São Paulo, tentou Cornélio Pires conseguir meios de subsistência, a fim de coligir dados sobre o ambiente e o homem da vida ruralista, através dos quais, mais tarde, principalmente

(1) Joffre Martins Veiga — “A Vida Pitoresca de Cornélio Pires”, Edições “O Livreiro” Ltda., São Paulo, 1961, p. 38. Veja-se, ainda, do mesmo Autor, “Antologia Caipira — Prosa e Poesia de Cornélio Pires”, Edições “O Livreiro” Ltda., São Paulo, 1960, p. 20.

(2) Apud “A Vida Pitoresca...”, p. 41.

após a sugestão de Amadeu Amaral para que se tornasse escritor regionalista, surgiria como um dos maiores divulgadores do nosso folclore.

Em fevereiro de 1910, lança a lume «Musa Caipira», com capa de Voltolino, seu grande amigo.

«O aparecimento de «Musa Caipira» foi saudado pela crítica, por seu conteúdo tipicamente brasileiro» — diz o biógrafo de Cornélio Pires, acrescentando, páginas adiante: «A obra do aedo tieteense é autenticamente caipira. Ele mergulhou no coração de sua gente e de lá trouxe para a literatura toda a riqueza da alma simples e boa do caboclo.» (3)

Sylvio Romero, crítico dos mais talentosos no Brasil, em carta ao poeta, assim se expressava (4): «Apreciei imensamente o chiste, a cor local, a graça, a espontaneidade de suas produções, que, além do seu valor intrínseco, são um ótimo documento para o estudo dos brasileirismos da nossa linguagem.» E mais adiante: «...o gênero que cultiva é, muito ao contrário do que geralmente se pensa, cheio de grandes dificuldades.»

De revisor de «O Estado de S. Paulo», passou Cornélio a cooperar em «O Pirralho», isso em 1914. Perdendo o emprego na imprensa, resolveu «dar um espetáculo público», apesar de já anteriormente haver-se estreado na condição de caipira humorista, em 1911, na própria terra natal. Tornou-se mais tarde um verdadeiro raposo. Perambulava em várias regiões do interior paulista e por diversos Estados brasileiros, apresentando seus magníficos números.

(3) *Id.*, *ibid.*, p. 65.

(4) Cornélio Pires — “Cenas e Paisagens da Minha Terra (Musa Caipira)”, 1º milheiro, 1921, Edição da “Revista do Brasil”, São Paulo, pág. 2.

Impossível continuar seguindo a trajetória de Cornélio Pires...

Cheguemos em 1946, quando o rapsodo tietense era já consagrado, e andava de cidade em cidade com o seu «Teatro Ambulante Gratuito Cornélio Pires».

Com o decorrer dos tempos, volta a Tietê e, «sempre preocupado com o bem-estar do próximo», compra uma chácara nas imediações da cidade e funda um lar para menores, a «Granja de Jesus», «cuja conclusão não pôde ver».

Quando desencarnou, já espírita convicto, Cornélio preparava a «Coletânea Espírita». Antes, já publicara páginas primorosas de fundo essencialmente espírita...

A propósito de sua conversão à Doutrina Espírita, vale a pena transcrever as confissões do próprio escritor, estampadas sob o título «Porque me tornei espírita» (5):

“Caipirinha, tímido, vim de Tietê para a Capital em começos de 1901. Vim morar em casa de minha tia, dona Belizária Ribeiro, viúva do grande filólogo e polemista invicto, o gramático e romancista Júlio Ribeiro. Minha tia, que já havia criado uma ninhada de sobrinhos e parentes e não parentes, facilitando-lhes os estudos e perdoando calotes de estudantes farristas, vestindo e dando livros a estudantes sem recursos, sempre achou maneira de tirar da sua pobreza de dona de pensão, daqueles tempos, à rua da Quitanda n. 11, o necessário para os necessitados.

Era protestante aquela santa criatura que ficou conhecida de diversas gerações de bacharéis em Direito, engenheiros, professores e comerciários. Logo de início pôs-me o *Evangelho* nas mãos e mandou-me para a escola instalada nos fundos da Igreja Presbiteriana, à rua 24 de Maio. Ali fui aluno daqueles belos e cultos espíritos que, na matéria,

(5) Cornélio Pires — “*Coisas d’Outro Mundo*”, 2ª edição, 1945, Editora “Cornélio Pires” Ltda., São Paulo, páginas 8 a 14.

se chamaram Eduardo Carlos Pereira e Benedito Ferraz de Campos; homens que pregavam a letra do Evangelho e, com seus exemplos, o espírito vivificador.

Li os Evangelhos e, mesmo não lhes alcançando o espírito, fiquei encantado com os ensinamentos de Jesus. Quando ia a Tietê falava a todos sobre a doutrina de Jesus e despertei o interesse de minha mãe e de minhas irmãs pelos Evangelhos.

Tais benefícios receberemos desse livro, que, mesmo não crendo, ao irmos para o Espaço, para lá levamos a *letra* e mais fácil nos será alcançarmos o seu espírito, a sua luz — e note-se que dificilmente baixam Espíritos de protestantes, especialmente de ministros, para serem esclarecidos; creio que, no Espaço, eles são esclarecidos com grande facilidade por já levarem na bagagem os conhecimentos evangélicos.

Conhecedor dos Evangelhos, mais tarde, comecei a me entristecer. Cá, no meu íntimo, minha Razão não queria aceitar um Deus que criava filhos para depois dar preferência a uns, sacrificando a outros; um Deus que, sendo Amor e Piedade, criava entes fracos para depois dá-los ao *fogo eterno*. (Hoje compreendo que se o erro for eterno, eterno, logicamente, será o “inferno”). Comecei a me entristecer e grande risco corri de cair na descrença.

Comecei a encontrar contradições nos Evangelhos... Jesus dissera que *não viera alterar a lei*, mas confirmá-la. No entanto, a lei mandava: — “Olho por olho, dente por dente”; e Jesus me dizia: — “Perdoa aos teus inimigos.”

A lei mandava que morressem a pedradas aquelas que fôssem apanhadas em adultério; e Jesus dizia à adúltera, depois que seus perseguidores fugiram, ante a frase “aquele que não tiver pecado, atire a primeira pedra” — “Alguém te condenou?” — “Ninguém, Senhor.” — “Vai, não peques mais, pois eu também não te condeno.” Contradições... contradições...

Quando os ministros me perguntavam porque não fazia minha profissão de Fé, eu lhes apresentava essas objeções. Eles me respondiam com contristadora, dogmática e sofisticada *teologia*, e maior era a minha confusão.

E' que eu estava apegado à *letra* e nem sabia que os primeiros apóstolos eram analfabetos e que as seleções dos tópicos evangélicos haviam passado por traduções e retraduições e que deles eu devia aproveitar a *doutrina* e não as palavras que, na pobreza da linguagem humana, raramente trazem integralmente aquilo que queremos dizer.

Eu acreditava num Pai de todos nós, indiferentes, ateus, católicos-romanos, protestantes, muçulmanos, maometanos, budistas, e dos indígenas e dos irracionais. Eu queria um Deus que aceitasse a prece de todos os seus filhos, subdivididos em seitas religiosas, mas todos buscando a um Pai, Criador de todas as coisas, praticando boas obras.

Eu queria essa religião e não a encontrava e me entristecia, desorientado, fugindo, como podia, à descrença. Fora encontrar o meu maior tropeço justamente nos Evangelhos! Que coisa dolorosa! E' que a *letra* me estava matando aos poucos e logo eu seria um dos "mortos que enterram seus mortos".

Chegou, porém, o meu dia — graças a Deus —, o mais feliz durante a minha estada na Terra!

Para chegar, porém, a esse dia, passei por interessantes peripécias. Indo a Caxambu — era meu motorista o Sr. José Minholo —, lá estive uns dias e seguimos para Lambari. Nessa cidade o motorista, batendo a mão na testa, disse-me:

— Seu Cornélio... esqueci a bolsinha de chaves da porta, contacto e pneu de estepe, na garagem onde guardamos o carro, em Caxambu! Liguei o motor sem perceber, com chave sobressalente... Como vai ser agora, se estoura um pneu?

— Não há outro recurso; voltemos a Caxambu.

Realmente voltamos e nada adiantou discutir com o dono da garagem. As chaves haviam desaparecido. Que fazer? Escrevi à Casa Cássio Muniz & Cia., mandando o número do motor e pedindo novas chaves para Poços de Caldas.

Que fôsse o que Deus quisesse.

Atravessando o sul de Minas, via Varginha, cheguei a Poços de Caldas e lá não recebi as chaves. Que maçada! Escrevi, pedindo-as para São João da Boa Vista, e, lá chegando, nada de chaves... Ali mandei lavar o carro, tirar

os tapetes e passar o aspirador de pó no assoalho e por baixo dos assentos. Segui para Lindóia e Serra Negra. Andando sempre muito doente, constantemente atordoado, comprei uma caixa de "Eparseno" e fui tomar a primeira injeção. Eu e o farmacêutico ficamos impressionados: três agulhas foram entortadas; não penetravam, e eu não quis mais saber de histórias... Apesar de não ser supersticioso, disse logo ao boticário: "Desisto; aqui tem coisa"...

Prosseguindo na minha vida de judeu-errante, dias depois estava em São Carlos, para onde pedira as célebres chaves, que lá também não chegaram. Nessa cidade, eu, que não visitava ninguém, senti irresistível vontade de visitar meu amigo Lobo e lá me fui a sua casa.

Palestrávamos, quando chegou um pretinho, cozinheiro, o Alfredo, e que foi muito festejado pelos donos da casa, e logo me disse o Lobo:

— Este é um médium sonâmbulo formidável!

Brinquei com o amigo:

— Cuidado que o Juqueri está lotado...

Mas, assustado, vi o Alfredo entrar em convulsões e logo o Espírito, depois de nos saudar, disse:

— Aqui, o meu amigo da esquerda — indicando-me — fez bem em não tomar as injeções; aquilo é arsênico e o meu irmão tem o fígado em péssimo estado.

E receitou-me chá de uma planta medicinal e, contra a dispepsia, pele de moela de frango reduzida a pó impalpável, dizendo-me que, vivendo eu em hotéis, fácil me seria conseguir as moelas.

Fiquei impressionadíssimo com o fato, pois nem ao Lobo contara o caso das injeções.

Desde então comecei a me impressionar cada vez mais.

Segui viagem e, depois de muitos ziguezagues, chegamos a Novo Horizonte, sempre temendo um estouro de pneu... Assim que chegamos, tomei de minha máquina fotográfica 6 x 9 e, no quintal, junto ao automóvel, deu-me na fantasia mandar o José "bater" uma chapa. Outra surpresa: feita a revelação e tirada a cópia, aparece-me sobre a ca-

beça, firmando os pés traseiros em minha testa, vendo-se-lhe as serrilhas das pernas, uma barata! Medida a proporção do seu comprimento, seria do tamanho de meu rosto...

— Aqui tem coisa, “seu” Zé... — dizia eu, desconfiado.

De Novo Horizonte dirigimo-nos à Noroeste, sempre pedindo as chaves para determinadas cidades, e as chaves não vinham. Dias depois, porém, ao voltarmos de Valparaíso, paramos para almoçar no hotel do Pires, em Pirajuí.

Ao tomarmos o carro tivemos o incrível surpresa de encontrar a bolsinha de couro, com as chaves dentro, sobre o tapete, onde o motorista teria de pôr os pés!!!

— Aqui tem coisa, Zé... — continuava eu desconfiado. Maior, porém, foi a nossa surpresa quando, dali a cinco quilômetros, estourou o pneu!

— Graças a Deus, temos chave — exultou o Zé.

Viaja daqui, viaja dali, fomos a Curitiba e de lá a Ponta Grossa. No hotel do Bismara contava eu o caso da fotografia, quando um senhor de certa idade, a meu lado, pediu-me para vê-la. Notei que o homem (hoje o meu bom confrade João Viana) estava como que concentrado, com a fotografia na mão, quando, com voz grossa e amiga, me disse:

— E' uma troça inocente...

Percebendo que se tratava de um médium, pedi:

— Escreva isso nas costas da fotografia...

Tomando de um lápis escreveu: “E' uma troça inocente.

— *Emílio.*”

Seria o meu Emílio de Menezes? E, antes que perguntasse, respondeu-me:

— Sim, sou quem estás pensando.

Tendo o médium me dito que julgava que esse Espírito estivesse em melhor situação, fiquei aflito e penalizado, sem saber, então, a maneira de auxiliá-lo, mas o Espírito logo me confortou, dizendo-me:

— Sempre o mesmo velho coração amigo... Não te preocupes comigo, pois, estando mal aqui, estou um milhão de vezes melhor que vocês aí...

Regressamos a Curitiba. Ali me esperava outro fato para melhor me chamar a atenção. Fui apresentado ao Hugo Marçal e subimos ao meu quarto no Brás-Hotel, onde hoje funciona o Majestoso. Logo que entramos, Hugo ficou tomado do Espírito, de surpresa, e, empunhando um lápis, abriu meu bloco e escreveu de diante para trás, assinando.

Fui ao espelho e, oh maravilha! Dizia o bilhete: “Amigo Cornélio. Abraços e não beijos; eu não te beijaria nem por um conto. — *Emílio.*”

Ora, eu nem tempo tivera para contar o caso de Ponta Grossa. Lembrei-me logo de conferir as assinaturas: perfeitamente iguais!

Recebi também, nessa mesma ocasião, uma mensagem assinada por O.B. recomendando-me: “Leia, estude, medite e ore.” E então, pela primeira vez, comprei livros espíritas. “No Invisível” foi a primeira escolha, mas um dia, ao ver “O Livro dos Espíritos”, de Kardec, eu, que temia até tocar num livro que trouxesse na capa esse nome, abri-lhe a esmo uma página e li: “E' preferível recusar noventa e nove verdades a aceitar uma só mistificação.” Que me dizem!!! Pois os espíritas concordam que podem ser mistificados!? E eu, que tanto combatia o Espiritismo, perdi o medo e comprei “O Evangelho segundo o Espiritismo”, “O Livro dos Espíritos” e o “O Livro dos Médiuns”. Depois, não houve mãos a medir. Li as obras de Léon Denis, de Bozzano, de Moses, de De Rochas, do Padre Alta, de Delanne, de Crookes, do Padre Marchal, de Fernando de Lacerda, de Francisco Xavier, de Osvaldo Melo, de Inácio Ferreira, Romeu A. Camargo, Vinícius, Fuzeira, Owen, D'Argonel, Vives, Findlay, Quintão, Imbassahy, Sayão e de tantos mais que nem é possível enumerar, além dos artigos de Leopoldo Machado, não perdendo as irradiações de Odilon Negrão e outros. Era a sede da Verdade que eu queria saciar de uma vez, mas...

Tive então a felicidade de, em Uberlândia, entrar em contacto com Bezerra de Menezes que, logo de início, me aconselhou:

— Calma, meu amigo... Calma... Chegaste à Fonte da Água Viva, mas toma-a aos poucos... Cuidado, muito e muito cuidado com o fanatismo; ele é mil vezes pior que a descrença.

Porém, lá muito dentro de mim, continuava, como um espinho doloroso, o caso das contradições dos Evangelhos, mas, antes que eu o interpelasse, disse-me Bezerra:

— Onde estão as contradições nos Evangelhos?

Fiquei chocado pelo inesperado da pergunta e citei os casos.

— E Jesus não alterou um til da Lei de Deus — disse-me.

— Como assim?

E ele me respondeu com outra pergunta e todo o meu espírito se iluminou na justa compreensão:

— Qual é a *Lei de Deus*, meu amigo?

— Os Dez Mandamentos...

— E Jesus alterou um só deles?

— Não...

— Então não confundas a Lei de Deus com as leis que estão na Bíblia e que eram leis dos homens para os homens de grande atraso e profunda ignorância. Seus autores aparentes eram médiuns a ditar leis de acordo com a época, o local e as necessidades de cada povo.

Continuando nossa conversa, tão franca e elucidativa, disse-lhe:

— O que me apavora no Espiritismo é aquela passagem: "Pode o Espírito do mal transformar-se num anjo de luz para nos seduzir"...

— Mas vê também a passagem que diz: "Pelo fruto conhecerás a árvore; se o fruto é bom, boa será a árvore, pois árvores más não podem produzir bom fruto", e para isso foi que João, o evangelista, recomendou: "Aprende a conhecer os Espíritos que são de Deus." Af mesmo, na Terra, vocês, com um pouco de argúcia, não distinguem logo o mistificador do homem de bem? Ele te mistificará uma vez, mas não duas, se estiveres atento. Quanto à prevenção contra os de cá: *oração e vigilância*. E saibas que os "curiosos" e fúteis são as vítimas escolhidas pelos enganadores.

Mais tarde aprendi com Pai Jacob, respondendo a um que queria investigar os mais profundos mistérios de Deus, fa-

zendo perguntas irrespondíveis, que, como disse o Espírito: "Formiga, quando quer se perder, cria asas..." e terminou dizendo ao curioso: "Avua munto, iôio... avua pra vê"...

Quem mal emprega a fecundidade de sua imaginação, mais facilmente será obsidiado. Ovelha que se arreda do rebanho está mais sujeita a ser apanhada pelo lobo.

Assim foi que, recebendo claras instruções, me tornei espírita, dos menorzinhos e dos mais ignorantes."

*

Antes de entrarmos pròpriamente num estudo geral das poesias que enfeixamos nesta obra, alinhemos a bibliografia do distinto poeta: «Musa Caipira», 1910; «Versos» 1912; «Versos Velhos», 1912; «Cenas e Paisagens de Minha Terra», 1912; «Monturo», 1915; «Quem Conta um Conto...», 1919; «Conversas ao pé do fogo», 1921; «Cenas e Paisagens da Minha Terra (Musa Caipira)», 1921; «Estrambóticas Aventuras de Joaquim Bentinho, o Queima Campo», 1924; «Continuação das Estrambóticas Aventuras de Joaquim Bentinho, o Queima Campo», 1925; «Tragédia Cabocla», 1926; «Patacoadas», 1926; «Seleta Caipira», 1927; «Almanaque do Saci», 1927; «Mioxórdia», 1927; «Meu Samburá», 1928; «Sambas e Cate-retês», 1932; «Tarrafadas», 1932; «Chorando e Rindo», 1933; «De Roupas Nova...», 1933; «Só Rindo», 1934; «Tá no Bocó», 1935; «Quem conta um conto... e Outros contos... (Coisas do Passado)», 1934; «Enciclopédia de Anedotas e Curiosidades», 1945; «Coisas d'Outro Mundo», 1944; «Onde estás, ó Morte?», 1947. As duas últimas obras encerram exclusivamente assuntos de Espiritismo.

*

«O Espírito de Cornélio Pires» revela em tudo o espírito de Cornélio Pires: o seu humorismo, do princípio ao fim, aquele mesmo humorismo a que se referiu

Joffre Martins Veiga e que o fazia empolgar as plateias, «impondo-se à admiração do imenso público brasileiro, graças a seu espírito e a sua capacidade de fazer rir, sem descer à pornografia, à ofensa pessoal ou ao ridículo alheio. Seu humorismo saudável, isento das imoralidades que caracterizam esse tipo de literatura, refletia a pureza de sua alma e seu caráter» (6).

De nossa parte, seria pretender demasiado prosseguir comentando a vida e a obra de Cornélio Pires. Assim, atentemos apenas para um fato que reputamos bastante curioso, já que Cornélio foi essencialmente um escritor popular, e o fato a que se refere Fernando Jorge, em seu livro «As Sandálias de Cristo» (7), é dos mais sugestivos. Diz o erudito autor de «Água da Fonte» que há uma narrativa de Cornélio no volume «Conversas ao pé do fogo», dado a lume em 1921, «que se assemelha, de maneira notável, a um conto de Pirandello: aquele que se chama «Laranjas da Sicília», assunto do qual o autor de «Tutto per Bene» extraiu célebre drama de teatro». Conquanto Fernando Jorge pergunte se haveria ou não uma coincidência, ou uma identidade de pensamento, o certo é que afirma ter «Laranjas da Sicília», na feição de peça de teatro, aparecido depois de 1925. De qualquer modo, o ilustre humorista tieteense deveria, por esse simples achado de Fernando Jorge, merecer maiores estudos por parte dos literatos brasileiros. Aliás, o pequeno trecho a seguir, de Mário da Silva Brito (8), elucida em parte a razão por que os homens de letras deixaram Cornélio num injustificável ostracismo literá-

(6) *Apud* "A Vida Pitoresca...", p. 180.

(7) Edição ilustrada, Bruno Buccini Editor, s/d, páginas 213-216.

(8) Mário da Silva Brito — "História do Modernismo Brasileiro — I — Antecedentes da Semana de Arte Moderna", segunda edição revista, Editora Civilização Brasileira S.A., Rio de Janeiro, 1964, pág. 141.

rio: «O regionalismo converte-se, aos poucos, no caboclisto — que é uma espécie de decadência do regionalismo. A princípio bem representado por Waldomiro Silveira, com as suas experiências linguísticas e de expressão psicológica de «Os Caboclos», o gênero passa pelas contribuições decorativas dos versos de Paulo Setúbal e anedóticas de Cornélio Pires, para, em seguida, descambar num processo fácil e falso, em que pululam mediocridades sem conta.» Em último caso, o lúcido historiador do Modernismo Brasileiro, noutra passo, segundo depoimento de Sérgio Milliet (9), diz que alguém chegou a considerar Monteiro Lobato um Cornélio Pires passado a limpo.

Com relação à semelhança de ideias entre páginas de escritores famosos, vem a pêlo lembrarmos aqui o que diz Álvaro Lins, à pág. 226 de sua obra «Literatura e Vida Literária» (10): «Sugiro fazer-se um estudo de aproximação entre Forsythe Saga, de John Galsworthy, e Os Buddenbrook, de Thomas Mann. Com efeito, é impressionante a semelhança de sentido, de concepção e de objetivo nos dois romances. Não se trata, ao que se verifica, de um caso de influência, sim de coincidência, como se ambos houvessem sido envolvidos ao mesmo tempo por uma idêntica sugestão, por uma atmosfera comum. Cada um deles colocou, em termos de ficção, o mesmo problema social: um, na Inglaterra; o outro, na Alemanha. A primeira edição de Buddenbrook é de 1902; o primeiro volume da crônica dos Forsythe apareceu em 1906. Tudo indica que Galsworthy desconhecia então o livro de Thomas Mann, autor que não dispunha no mo-

(9) Sérgio Milliet — "Diário Crítico", 4º volume, 1946, Livraria Martins Editora, São Paulo, pág. 55.

(10) Álvaro Lins — "Literatura e Vida Literária — Notas de um Diário de Crítica", Editora Civilização Brasileira S.A., Rio de Janeiro, 1963.

mento de bastante prestígio para que se universalizasse tão rapidamente uma das suas obras primeiras. Nisto se encontra a principal curiosidade da aproximação.»

Outro fato curioso, é que João Ribeiro, em «O Estado de S. Paulo», de 14-9-1926 (11), escreveu «graciosa página», intitulada «O Sacristão», na qual o distinto escritor narra uma história de que mais tarde, talvez quatro lustros depois, se serve William Somerset Maugham em sua obra «29 Histórias», lançada no Brasil pela Editora Globo, em magistral conto intitulado «O Zelador da Igreja» (*The Verger*). Teria o ilustre romancista inglês lido o artigo de João Ribeiro? E' provável que não. Mesmo em livro tal artigo só apareceu em 1962, quando Múcio Leão publicou o famoso «João Ribeiro». Estas são coisas que dão o que pensar, com efeito.

Sem quaisquer outros comentários, entremos no mundo admirável de «O Espírito de Cornélio Pires».

Antes de mais nada, bem se ajustariam aqui estas palavras de Cornélio Pires, escritas a propósito de «Coisas d'Outro Mundo» e dirigidas ao leitor desprevenido: «Esperavas um livro de anedotas que te distraíssem, descansando-te um pouco o espírito, e vais encontrar uma obra de conforto para teu Espírito e muito pasto para a tua inteligência. Mas lê sem espírito preconcebido e crê na minha sinceridade; fica certo de que minhas intenções são as mais puras e estou interessado no teu bem-estar mental.» (12)

Selecionamos um total de cento e duas poesias, sendo vinte e um sonetos e trovas as demais. Procuramos colocar entre um soneto e outro quatro quadras. Todas

(11) *Apud* Múcio Leão — «*João Ribeiro*», Livraria São José, Rio de Janeiro, 1962, pág. 58.

(12) Cornélio Pires — «*Coisas d'Outro Mundo*», 2ª edição, 1945, Editora «Cornélio Pires» Ltda., S. Paulo, pág. 3.

as peças de números ímpares são devidas à psicografia de Francisco Cândido Xavier, e as de números pares à de Waldo Vieira. Acresce dizer que todas as poesias que constam nesta obra foram psicografadas em sessões públicas da Comunhão Espírita Cristã, a maioria sob o nosso testemunho pessoal e de dezenas de pessoas de Uberaba e de outras cidades do Brasil e, às vezes, da Argentina e de outros países vizinhos.

Perceberá o leitor que alternamos sonetos de um lirismo profundo com outros de humorismo incomparável, perfeitamente dentro daquele conceito de Amadeu Amaral, em artigo publicado em «O Estado de S. Paulo» de 3 de setembro de 1926, a propósito de «Patacoadas»: (13)

«O humorismo de Cornélio não é uma expressão literária nem um meio, nem um condimento. E' a matéria constante e sem mistura dos seus trabalhos. O único objetivo que o preocupa é o próprio humorismo à boa moda de todos os tempos: fazer rir.» E quem ler «O Espírito de Cornélio Pires», há de rir ou sorrir o tempo todo, mas não apenas isso, de vez que sentirá também o impacto às vezes do «estado poético» superior, como em alguns sonetos primorosos, entrando, de imediato, na esfera dos princípios doutrinários do Espiritismo, notadamente da lei reencarnacionista. A preocupação de Cornélio Pires, percebe-se logo, é demonstrar a realidade da reencarnação, e, em segundo plano, o continuísmo da vida após o túmulo, as sensações experimentadas pelos Espíritos, felizes ou menos felizes, após a travessia das barreiras da morte, quase sempre fazendo rir ou pensar...

Tais verdades, ele mesmo já as proclamava em vida, afirmando, outrossim, que «o Espiritismo-cristão nos proporciona a FE' RACIOCINADA, nos arrebatava ao jugo

(13) Joffre Martins Veiga — «*A Vida Pitoresca...*», pág. 125.

do Dogma e nos ensina a compreender a DEUS COMO ELE É» (14).

Impossível analisar todos os poemas constantes do presente livro. De escantilhão, porém, vejamos dois sonetos psicografados na mesma noite, 13-6-64, isto é, um em seguida ao outro, o primeiro através do lápis do médium Waldo Vieira, intitulado «Bota-fora de Nhô Chico», e o segundo, através de Chico Xavier. Por diversas vezes, registramos este fato: um mesmo poeta se comunicando pelos dois médiuns na mesma noite, minutos após o outro, inclusive com admiráveis quadras. Vejamos, pois, o soneto psicografado por Waldo Vieira:

*Caiu Nhô Chico morto, ao fim da janta,
Papou tatu ervado e foi caipora.
O povo segue o enterro, reza e chora:
— “Coitado de Nhô Chico Couro D’Anta!”*

*O avarento vivia de penhora.
Sovinaria nele era já tanta,
Que engastalhava o cuspe na garganta
Com pena de jogar o cuspe fora...*

*Mas Nhô Chico sabia tanto ensino!
Assunto o céu sereno e não atino
Por onde sobe ele e se agasalha...*

*Pasmo, vejo o caixão roxinho perto;
Nhô Chico está no corpo, de olho esperto,
Caçando aflito um bolso na mortalha...*

E, em seguida, o primoroso «Despedida de Vital», pelo médium Francisco Cândido Xavier:

(14) Cornélio Pires — “Coisas d’Outro Mundo”, 2ª edição, pág. 6.

*Lua cheia... Na choça a que se apega,
Morre Vital, velhinho, olhando o morro...
Por prece, escuta a arenga do cachorro,
Ganindo nas touceiras da macega.*

*Pobre amigo!... Agoniza sem socorro,
Chora lembrando o milho na moega...
Oitenta anos de lágrimas carrega
Na carcaça jogada ao chão sem ferro.*

*Suando, enxerga um moço na soleira.
— “Eu sou leproso...” — avisa em voz rasteira,
Mas diz o moço, envolto em luz dourada:*

*— “Vital, eu sou Jesus! Venha comigo!...”
E o velho sai das chagas de mendigo
Para um carro de estrelas da alvorada.*

Com relação às trovas, por exemplo, Waldo Vieira, entre outras, psicografou esta jóia de versos setissílabos:

*Grande inscrição de lembrança
Na campa do João de Souza:
— Afinal, aqui descansa
Quem nunca fez outra cousa.*

e Chico Xavier, estoutra, no mesmo assunto, dentre diversas do mais alto quilate:

*Li num sepulcro de pedra:
— Aqui jaz Maria Gaza.
Era mendiga na rua,
Com cinco milhões em casa.*

E assim por diante, Cornélio nos leva ao sublime reino da Poesia (a que poucos poetas chegam), enterrecendo-nos, sobretudo...

Para um estudioso dos costumes do povo que vive no «hinterland» brasileiro, esta obra lhe oferece recursos preciosos, como, «verbi gratia», o caso de Vital. Ainda hoje, a situação de alguns dos nossos irmãos portadores do mal de Hansen é aquela mesma de Vital em relação aos demais; o que se deu com «Sá» Biluva e Tonho Fazendeiro é exatamente o que encontramos nas pequenas cidades, nos lugarejos e mesmo entre pessoas que habitam as grandes metrópoles; o caso de Dona Cissa; a atitude de Nhô Quinca é característica de muita gente que se encontra entre nós; o mesmo se diga de Adão Passoca; e aqueles que passam a vida inteira qual Zé da Hora; os harpagões do tipo de Tutuca Sapecado, Nhô Chico, João Cazeca, Calatrava, Maria Gaza, Ormino, Nhá Cota e Tonho Macambira; a obsessão de Nico Raimundo é comum a muita gente, da roça e da cidade; as recomendações ao Zé do Zote e a Nico do Norato servem para inúmeras pessoas; os que vivem à maneira do devoto Zé Pilão; a recompensa a que fizeram jus um Nhô Manduco ou uma Nhá Mina.

Com respeito ao soneto que descreve a morte de Nhá Mina, que situamos entre os melhores de quantos o poeta desencarnado escreveu através das vias mediúnicas, reconhecemos que ele nos «bouleversa», como diria Manuel Bandeira, citado por Mário de Andrade (15), transportando-nos àquele «estado absolutamente especial», de que nos fala o autor de **Pauliceia Desvairada**, com a diferença de que aqui tudo compreendemos, «enquanto arte» e «enquanto poesia».

Atentemos, finalmente, para a tônica principal do livro: o combate à avareza, descrevendo Cornélio, para

(15) Mário de Andrade — “*O Empalhador de Passarinho*”, vol. XX das Obras Completas, 2ª edição, Livraria Martins Editora S.A., São Paulo, pág. 286-287.

tanto, autênticas personagens que poderiam competir com um Harpagon de Molière, ou um Pai Grandet de Balzac.

*

Em «**Antologia dos Imortais**» (16), tivemos oportunidade de chamar a atenção para alguns dos aspectos formais da poesia corneliana, especialmente no que tange ao prisma rimático e à frequência com que o poeta lança mão de palavras quais «Nhá», «Nhô», etc.

Na presente obra, o distinto rapsodo continua naquela mesma linha de manifestação, sendo de notar-se que a disposição rímica preferida tem sido a do tipo **abba, abba, ccd, eed**, para os sonetos, com variações imensas nas trovas, inclusive algumas nas quais rimam apenas o segundo e quarto versos, muito do gosto popular.

Digno de nota, sem dúvida, observar-se a característica da linguagem. Fôsse dado ao distinto filólogo Prof. Sousa da Silveira a leitura de «**O Espírito de Cornélio Pires**», e o autor de «**Lições de Português**» haveria de proclamar que se encontrava diante de um poeta cuja manifestação se faz em língua portuguesa em tudo dentro da modalidade brasileira. Com efeito, expressões quais «afundava na rede», «emborcada na quina do fogão», «Lalau liquidou Quinquim», «dar a sapituca», «suar em bica», «dar um vintém de mel coado», «ao fim da janta», «papar tatu ervado», «engastalhar o cuspe na garganta», «saber tanto ensino», «deitar no ronco e camoeira», «sentir calos na munheca», «pôr preceito em», «trazer lombeira no cangote», «agarrar no truque e no calote», «pinchar o nome entre...», «arrenegar de», «espichar» (desencarnar), «dar na trela», «calo de cotove-

(16) Obra mediúnica psicografada pelos médiuns Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira, publicada pela Editora da Federação Espírita Brasileira.

lo na janela», «rasgar o cavaquinho», etc., etc., são expressões, repetimos, precipuamente brasileiras.

Belíssimas imagens usa-as o poeta. De passagem, destacamos as seguintes comparações, nas quais o «que nem» popular, «feito» e «parecer» substituem o «como» usado por tantos vates de nomeada: «chorar que nem cana na moenda», «berrar que nem cabrito», «magrela que nem graveto», «morrer feito sapo no tijuco», «parecer cachorro de bom faro», etc.

Julgamo-nos no dever de encerrar estas notas, sem o que dificilmente o leitor nos perdoará a ousadia de chegarmos até aqui. Acontece que Cornélio Pires é desses poetas que exigem um estudo tão aprofundado quanto possível, para que lhe penetremos, de algum modo, a simplicidade e a grandeza. Cornélio é um mundo de poesia... seus versos lhe saem do lápis qual linfa cristalina de um manancial... brota... e vem chegando... a envolver-nos e dulcificar-nos... Cornélio, não obstante expressar-se nos gêneros mais difíceis — o soneto e a trova — revela-se autêntico mestre... Beleza conjugada ao ensinamento da Doutrina Espírita. Através do autor de «Musa Caipira» aprendemos que a morte não é o fim, e que a evolução na Lei Reencarnacionista é uma realidade palpável, tanto quanto a justiça na Lei de Causa e Efeito é uma fatalidade a que não podemos fugir.

Neste livro, como se não bastassem os ensinamentos, a indução do estado poético e do humorismo sadio, tudo, num conjunto admirável, nos enleva.

Terminando, pedimos vênias para reverenciar Allan Kardec, no Centenário de «O Céu e o Inferno», bem assim rogar paciência ao leitor para que possamos transcrever o soneto, a nosso ver, um dos mais «bouleversadores», a fim de encerrarmos o nosso longo limiar.

Antes, porém, preciso se diga que inicialmente tentávamos analisar, depois de cada peça poética, o seu conteúdo espírita, mas nos lembramos de que seria abusar do poeta e do leitor, já que quando a gente atinge «aquela comoção, aquela divinização, aquele transporte que o verdadeiro poeta sempre produzirá», como bem disse Mário de Andrade (17), qualquer comentário que aduzíssemos seria levado à conta de excrecência. Esta a razão por que nos limitamos ao que fica exposto, considerando que sonetos quais «Céu, Inferno e Purgatório» e «Matava por prazer» são perfeitamente compreensíveis à luz da Doutrina Espírita.

Juntos, pois, entremos no reino da Divina Poesia, com escusas por nos estendermos demasiadamente em nossa desprezível apresentação, que finalizamos com esta obra-prima de Cornélio Pires ressuscitado dentre os mortos:

A MORTE DE NHÁ MINA

*Nhá Mina morre aos poucos, num palheiro!...
Lembra a orquestra do Mestre Carmelinho...
Quando moça, rasgava o cavaquinho
Nas noites de alegria no terreiro.*

*Sôzinha lembra... A flauta de Antoninho,
A sanfona de Juca Funileiro,
Depois... o mundaréu triste e inzoneiro,
Os maus-tratos e as mágoas do caminho...*

*Larga o corpo... Ouve acordes na janela,
A orquestra antiga toca junto dela,
Juca, Antoninho, Rita, Zico Prata...*

(17) Mário de Andrade — «Cartas a Manuel Bandeira», Prefácio e Notas de Manuel Bandeira, Organização Simões Editora, Rio, 1958, pág. 67.

*A lua brilha... A noite é uma beleza!...
Nhá Mina sai... Parece uma princesa
Que vai casar no céu com serenata.*

ELIAS BARBOSA

Uberaba, 1º de agosto de 1965.

1

DESPEDIDA DE VITAL

Lua cheia... Na choça a que se apega,
Morre Vital, velhinho, olhando o morro...
Por prece, escuta a arenga do cachorro,
Ganindo nas touceiras da macega.

Pobre amigo!... Agoniza sem socorro,
Chora lembrando o milho na moega...
Oitenta anos de lágrimas carrega
Na carcaça jogada ao chão sem forro.

Suando, enxerga um moço na soleira.
— “Eu sou leproso...” — avisa em voz rasteira,
Mas diz o moço, envolto em luz dourada:

— “Vital, eu sou Jesus! Venha comigo!...”
E o velho sai das chagas de mendigo
Para um carro de estrelas da alvorada.

Frases do jazigo escuro:
 — Jaz aqui Gil de Muquém.
 Era tão puro, tão puro,
 Que não viveu com ninguém.

Li num sepulcro de pedra:
 — Aqui jaz Maria Gaza.
 Era mendiga na rua,
 Com cinco milhões em casa.

Paixão que vem de outras vidas
 Pede cuidado a quem ama.
 Brasa guardada na cinza,
 Soprada, crepita em chama.

Reencarnação!... Vejo agora
 O suplício de João Nava...
 Renasceu filho da nora,
 Mulher que ele detestava.

A MENSAGEM E A RESPOSTA

Dava dó ver o Sítio do Espigão!
 O velho dono, o Nico do Norato,
 Desanimou de chão; tudo sem trato,
 Só carrapicho e mancha de pulgão.

Um dia, a fome veio de arrastão
 E o povo aflito, andando pelo mato,
 Começou a comer carne de gato
 Refogada no sumo de picão.

O patrão foi à prece... Pediu passes,
 Um guia aconselhou por João de Casses:
 — “Meus filhos, o trabalho é o nosso bem.”

Mas Nico disse irado: — “Acaba isso!
 Nós pedimos socorro e não serviço...
 Ninguém aqui é burro de ninguém!”

Alguém gravou no carneiro
Do velho Joaquim Lobão:
— Ensinava abstinência,
Morreu numa indigestão.

Da lousa do mestre Armando,
Há muito tempo esquecido:
— Este viveu ensinando
Sem nunca ter aprendido.

Lalau liquidou Quinquim
Com veneno no mingau,
Mas hoje Quinquim é o neto
Que vai herdar de Lalau.

Quem mata o tempo na vida,
Por muito que se conforte,
Acaba enterrado em vida
Muito tempo antes da morte.

A MORTE DE NHÃ MINA

Nhá Mina morre aos poucos, num palheiro!...
Lembra a orquestra do Mestre Carmelinho...
Quando moça, rasgava o cavaquinho
Nas noites de alegria no terreiro.

Sòzinha lembra... A flauta de Antoninho,
A sanfona de Juca Funileiro,
Depois... o mundaréu triste e inzoneiro,
Os maus-tratos e as mágoas do caminho...

Larga o corpo... Ouve acordes na janela,
A orquestra antiga toca junto dela,
Juca, Antoninho, Rita, Zico Prata...

A lua brilha... A noite é uma beleza!...
Nhá Mina sai... Parece uma princesa
Que vai casar no céu com serenata.

Na cova de jasmineiro
Do avarento Calatrava:
— Morreu como carcereiro
Da fortuna que guardava.

Li no túmulo de Ormindó:
— Foi cristão dos mais fiéis,
Ganhou duzentos mil contos,
Deu mil e quinhentos réis.

Qualquer defeito é mal grande,
Nenhum deles é pequeno.
Escorpião miudinho
Tem a morte no veneno.

Maricotinha enjeitou
Dez filhos de porta em porta;
Hoje, ela quer reencarnar,
Quando nasce, nasce morta.

NA MESMA MOEDA

O coronel Tutuca Sapecado,
A cada petitório de mendigo,
Falava: — “Deus é grande, meu amigo!”
Mas não dava um vintém de mel coado.

Se um doente gemendo afadigado
Vinha pedir perdão de juro antigo,
Louvava: — “Deus é grande! Deus consigo!”
E recebia o cobre assossegado.

Quando morreu ficou na caixa-forte
E gritava mudado pela morte:
— “Quero o auxílio do Céu! Que Deus me mande!”

Mas trancado no escuro, em agonia,
Só escutava alguém que lhe dizia:
— “Fique firme, Tutuca, Deus é grande!”

Alguém escreveu na lousa
Do rico Moura Pamonha:
— Deixou a fortuna aos doidos
Depois de vender maconha.

Na sepultura comum
Da devota Florisbela:
— Morreu fazendo jejum,
Comendo numa panela.

Não largues ao bem-querer
A construção do futuro.
No relógio da paixão
Não há ponteiro seguro.

“Seguro morreu de velho”,
Diz o rifão popular,
Mas faleceu de preguiça
Com medo de auxiliar.

A ENXADA

Com febre alta, o velho Zé da Hora
Limpa a roça no Sítio da Chapada,
Treme, cai... De repente não vê nada,
Tudo escuro no campo, terra a fora.

Tanto tempo serviu. Mas Zé agora
Tem a cabeça branca e fatigada;
Morre o sol, vem a noite, e ao pé da enxada,
De mão no peito aflito, reza e chora.

Zé larga o corpo e, Espírito liberto,
Pede luz e eis que a luz surge de perto;
Tropeçando, levanta-se... Quer vê-la...

Mas cai de novo em pranto de alegria:
A enxada do seu pão de cada dia
Brilhava convertida numa estrela.

Inveja em torno? Desculpa.
 Todo o despeito de alguém
 E' quase sempre louvor
 Àquilo que não se tem.

A luta pior da vida
 E' aquela de se manter
 Uma luta com quem luta
 Sem ter nada que perder.

Independência real
 Tem muito que obedecer.
 Quem deseje liberdade
 Que se escravize ao dever.

Muito herói parece quadro
 Composto de traço incerto
 Que só pode ser louvado
 Se não é visto de perto.

CONFORTINHO

Nada punha preceito em Zé do Zote,
 Nem remédio, nem reza, nem mandraca...
 De pequeno comeu jaratataca
 E trazia a lombeira no cangote.

Só vivia na rede ou no capote.
 Tinha zonzeiro em pé, cabeça fraca,
 Tangolomango, sarna, urucubaca,
 Agarrado no truque e no calote.

Foi à sessão espírita... Às ocultas,
 João pincha o nome dele entre as consultas,
 Pedindo um confortinho à Irmã Ciana.

E veio escrito assim no documento:
 — “Zé do Zote precisa é movimento,
 Numa enxada, seis dias por semana...”

Seja o crime mais perfeito,
Quando a justiça se atrasa,
Reencarnação julga o feito
E faz a cadeia em casa.

Põe na peneira do exame
Quanto pedes e obténs.
Há muitos bens que são males,
Muitos males que são bens.

Em qualquer parte onde o crime
As garras do mal empunha,
Deus guarda, sem que ele saiba,
O olhar de uma testemunha.

Silêncio é ouro — legenda
Que vale por alto escudo,
No entanto, onde o mal domina
Silêncio piora tudo.

PARTIDA DE NHÁ COTA

Sigo com o povo o enterro de Nhá Cota,
Fazendeira mandona, viúva e rica...
Tanta reza na Mata da Mumbica!...
Nunca se viu sovina tão devota.

Contava e recontava prata e nota,
Brigava por restolho de canjica...
Bebeu muito remédio de botica,
Mas morreu na tigela de compota.

Baixado o corpo à cova grande e calma,
Procuro ver Nhá Cota em véu e palma,
Subindo ao céu, na capa de ouro e renda...

Mas, só depois de muito pega-pega,
Fui encontrar Nhá Cota, surda e cega,
Agarrada no cofre da fazenda.

Grande inscrição de lembrança
 Na campa do João de Souza:
 — Afinal, aqui descansa
 Quem nunca fêz outra cousa.

Legenda na sepultura
 Do devoto Zé Pilão:
 — Morreu fazendo uma prece
 Com dois porretes na mão.

Causa e efeito — lei segura
 Que a gente enxerga de sobra.
 Mordida de cobra cura
 Com veneno de outra cobra.

Quem lhe fala, meu amigo,
 Dos tristes defeitos meus,
 Se vem conversar comigo
 Chega falando dos seus.

NO RIO DAS LÁGRIMAS

No casarão do sítio da Mutuca,
 O velho pede pouso e alguém chasqueia:
 — “Saia, tratante, e durma na cadeia!
 Ponha a cabeça tonta na cumbuca!”

O mendigo cansado não retruca,
 Enfrenta a noite e a chuva... Cambaleia...
 Mais além rola o rio entregue à cheia...
 E, exposto à sombra, afoga-se Nhô Juca...

Ante a morte, o passado se desvenda...
 Sente-se outro... E' o dono da fazenda...
 Nhô Juca, leve e moço, chora e fala...

Mas, súbito, no chão molhado e frio,
 Repara o rio e vê que é o mesmo rio
 Onde afogava os velhos da senzala...

Saudade, às vezes, no Além,
 Tem novo e estranho sentido...
 E' muito maior que o bem
 Que se julga haver perdido.

Dinheiro lembra no fundo
 Estrume na plantação,
 Que só serve para o mundo
 Quando espalhado no chão.

Não mexas com vida alheia,
 Tem coisa nessa manobra.
 Cachorro bom de tatu
 Costuma morrer de cobra.

Reencarnação — benefício
 Que a outro não se compara,
 E' o modo que Deus nos deu
 Da gente mudar de cara.

TERRAS DE NHÔ QUINCA

Parecia uma fera de encomenda.
 Quando Nhô Quinca dava a sapituca,
 O povo no roçado ou na poruca
 Chorava que nem cana na moenda.

Posseava das terras de contenda,
 Tomou terra de Adão, terra de Juca,
 As terras de Donana de Minduca...
 Ele queria o mundo na fazenda.

Vem um velho pedir barro de oca,
 Nhô Quinca bate nele na engenhoca
 E cai num tacho quente de melado.

Morreu na raiva... E o pobre do Nhô Quinca
 Só teve na fazenda da Cainca
 Sete palmos de terra no cerrado.

Renova-te! Alguém já disse,
E disse com precisão,
Que a rotina é uma empregada
Escravizando o patrão.

— “Pão que sobra é contrabando,” —
Falou Maria Correia —
“Pedaço que está faltando
No prato da casa alheia.”

Caridade indiscutível
Evitar a tentação;
Se a gente guardasse a porta,
Não haveria ladrão.

Provérbio que o povo diz
E a vida atira nos ares:
Serás tanto mais feliz
Quanto menos desejares.

PAIXÃO DE “SÁ” BILUVA

João da Mata espichou no boqueirão.
Tirava pau no Morro do Esqueleto
Para o serviço novo do coreto,
Caiu, gritou... Morreu de supetão.

“Sá” Biluva na Roça do Pilão,
Magrela de paixão que nem graveto,
Vivia de clamar, toda de preto:
— “Quero ver João, meu Deus! Quero ver João!...”

O Espírito de João, com dó da viúva,
Veio uma noite e disse: — “Sá” Biluva,
Não chore, minha velha! Eu não morri!...”

Mas Biluva, assungando a cruz de ferro,
Rebolou no colchão, soltando um berro:
— “Te arrenego, capeta! Sai daqui!...”

— “Felicidade é a soma” —
 Disse Marinho Irajá —
 “Não daquilo que se toma,
 Mas daquilo que se dá.”

Longevidade não vem
 Nem de fartura ou de fome.
 Longevidade é comer
 Metade do que se come.

“Devagar que tenho pressa”,
 Contudo, guarda a certeza
 De que a preguiça começa
 Na casa da vagareza.

Nem sempre os males são males
 Por mais que males divises;
 Onde a lei acha culpados
 O amor encontra infelizes.

E FOI-SE EMBORA...

Caiu na obsessão Nico Raimundo,
 Mediunidade nele era um problema;
 Forte e feliz, queixava de eczema,
 Tinha medo das almas de outro mundo!

Tanto sofreu por doido vagabundo,
 Que foi levado a um passe em Saquarema;
 O Espírito da Irmã Clara Moema
 Disse-lhe pelo médium Clarimundo:

— “Meu amigo, isso é só mediunidade,
 Você sara, ajudando a Humanidade,
 Estudando e servindo desde agora!...”

Mas, Nico, viciado à boa vida,
 Recuou para a porta de saída,
 Gritou que ele era livre e foi-se embora...

Vingança perante a ofensa —
 Delito igual por igual.
 Primeiro passo no bem:
 Esquecimento do mal.

Mais vale saber que ter,
 Cultura aprimora o bem,
 Mas só saber sem fazer
 Não adianta a ninguém.

Ventura que não se perde
 Consiste nesta verdade:
 Fazer os outros felizes
 Sem pedir felicidade.

Infeliz não é aquele
 Que nunca teve o que quis.
 E' aquele que nunca soube
 Que ser bom é ser feliz.

NHÔ MANDUCO

*“Recorde sempre: o anônimo da rua
 é nosso irmão.”*

Lá se vai arrastando Nhô Manduco.
 Um homem passa, rente, e a língua engrola:
 — “Foge daqui, cachorro manquitola!”
 Outro grita de longe: — “Sai caduco!”

E' noite... A água da chuva é fino suco.
 O barro é o cobertor a que se enrola.
 Sente o mendigo o estalo da cachola
 E morre feito sapo no tijuco.

Acorda Nhô Manduco libertado.
 Contempla o próprio corpo, frio, ao lado...
 Ergue-se tonto... Nada sabe ao certo...

Teme e treme... Mas nisso vê na altura,
 A rebrilhar no horror da noite escura,
 Um caminho de sol no céu aberto.

— “Reencarnação!... Que estopada!...” —
 Comentou Nico Peão —
 “O corpo é concha pesada
 Que a gente arrasta no chão...”

“Afeição cega a razão” —
 Ideia a que não me encaixo.
 Cabeça pensa por cima,
 Coração fica por baixo.

Se o coração está rico
 De bondade natural,
 Nem a pobreza atropela,
 Nem a riqueza faz mal.

Provérbio claro e bem-posto,
 Sem margem à distorção:
 Melhor vergonha no rosto
 Que mágoa no coração.

NOTÍCIA DA AVAREZA

Era um patrão danado o João Cazeca,
 Tomava o milho e a cana do meeiro,
 Exigia serviço o dia inteiro
 E deitava no ronco e camoeira.

Bebia jeribita de caneca,
 Avarento, bilontra, farofeiro...
 Contava tanto os maços do dinheiro
 Que já sentia calos na munheca.

João cai doente e ruim... Chegando a morte,
 Pede remédio, auxílio e reza forte,
 Mal podendo mover os gorgomilos...

E morto o corpo, João, de suadouro,
 Ficou anos gemendo em prata e ouro,
 Trancado numa burra de cem quilos.

Se a prece não me auxilia
 A ser de todos o irmão,
 Se a fé não me purifica,
 Para que religião?

Deveres nas provações,
 Constrangimentos fatais.
 Quanto se sofre ao cumpri-los!
 Mas não cumpri-los dói mais.

Há casamento de prova
 Lembrando a canga de bois,
 Bendito quem se renova
 Nesse resgate de dois.

Não julgues a vida errada
 Pela sombra que ela tem.
 Raio que cai na chapada
 Cai na avenida também.

A TAGARELA

Nhá Zizita, na Rua do Barreiro,
 Já sentia, de muito dar na trela,
 Calo de cotovelo na janela
 Onde espiava gente o dia inteiro.

Calúnia e invencionice era com ela,
 Gostava de folia e de berreiro.
 O povo comentava, chocarreiro:
 — “Jabiraca da língua de sovela!”

Nhá Zizita morreu... Desencarnada,
 Viu atrás dela enorme trapalhada
 E gritava: — “Meu Deus! Meu Deus, me acuda!”

Deus teve dó de tanto sofrimento
 E deu a ela um novo nascimento,
 Mas Nhá Zizita, agora, nasceu muda...

Lição que toda pessoa
 Aprende com muito custo:
 Antes de ser generoso
 E' necessário ser justo.

Micróbio! Um bichinho inquieto,
 Nas verdades que hoje sei,
 Parece agente secreto
 Em muito caso de lei.

Descrença? Ninguém se importe.
 Ateu que vive a dizer
 Que a vida acaba na morte
 Muito em breve vai saber.

Preguiça quando conversa,
 Sob o verniz da instrução,
 Parece fala de ouro
 Em goela de papelão.

MATAVA POR PRAZER

O boticário Neco Nambiquara,
 Depois de anel no dedo e compromisso,
 Arrenegou de casa, de serviço,
 E viveu de espingarda, chuço e vara.

Matava por prazer e era só isso...
 O povo já dizia que era tara.
 Num domingo, caçando capivara,
 Morreu de um tiro errado, atrás de ouriço.

Fora do corpo, o Espírito de Neco
 Ficou preso na Loca do Marreco,
 Sempre escutando a bala que zunia...

Depois de muito tempo no buraco,
 Reencarnou numa grotta de macaco,
 Para crescer zelando a bicharia.

Ah! bela mulher fatal,
De tanta flor que tiveste,
Hoje tens flores de cal
Sob o verde do cipreste.

Explica a reencarnação:
Teu filho não é teu eco.
Galinha por afeição
Choca ovo de marreco.

Para o mundo sabichão
Esta nota incontroversa:
Mais vale um dia de ação
Que cem anos de conversa.

Confesso os enganos meus!...
Rogando o que mais preciso,
Eu nunca pedi a Deus
Que me pusesse juízo.

CÉU, INFERNO E PURGATÓRIO

Era um caso esquisito a Dona Cissa,
Queria o céu, falava em devoção,
E vivia na Roça do Praião
Afundada na rede e na preguiça...

Ensinava jejum e pregação,
Dizia: — “O mundo inteiro é só carniça!”
Mas morreu na panela de linguiça,
Emborcada na quina do fogão.

Subiu fora do corpo livremente,
Mas enxergando os anjos no batente,
Espantada, fugiu fazendo cruz!

Hoje, clama deitada no oratório:
— “Todo trabalho é inferno e purgatório...”
Inda diz que o céu dela é o de Jesus...

Riquezas de sepultura?
 O mármore que há nas lousas
 Mostra apenas como dura
 A pedra em cima das cousas.

Conversa de festa e arte,
 Conjunto orquestral ordeiro,
 Cada qual em sua parte,
 Ninguém na do companheiro.

Entusiasmo onde esteja
 Tem limites naturais.
 Confiança diminui
 Onde a promessa é demais.

Às vezes o bem, no mundo,
 Não sabe onde se acomode.
 Quem pode ajudar não quer,
 Quem quer ajudar não pode.

NHÁ BELA

Nhá Bela jaz ferida na barraca.
 Em vão fora pedir gotas de arnica,
 Pois o moço dissera na botica:
 — “Não atendo gamboa na ressaca.”

Tem febre alta... O corpo tremelica...
 Sòzinha, encontra o chão por leite e maca...
 Perde sangue... Delira... Está mais fraca...
 Lavadeira de tanta gente rica!...

Chora na noite escura que a regela,
 Mas alguém rompe a sombra e diz: “Nhá Bela!”
 E a pobre clama: “Oh! filho, dá-me luz!...”

Brilha o zinco da choça de repente
 E na morte que a beija, docemente,
 Deslumbrada, Nhá Bela vê Jesus!

Compaixão inoportuna
 Onde o crime se concentre,
 Lindo cavalo de Tróia
 Com novos crimes no ventre.

As pessoas preguiçosas,
 Conforme o senso comum,
 Querem sempre algum trabalho
 E estão sem tempo nenhum.

Discernimento e bondade
 São em si diversos dons.
 Caridade sem justiça
 E' um mel que sufoca os bons.

Inveioso inteligente?
 Ninguém aceite esse engano.
 Inveja esmaga o talento
 Como a traça rói o pano.

O FAZEDOR DE CAIXÕES

O carapina Tonho Macambira,
 Fazedor de caixões no Sítio Claro,
 Estava rico à custa do descaro
 Com que explorava a morte do caipira.

Dava aos doentes cuias de tiquira,
 Queria sepultura e desamparo...
 Parecia cachorro de bom faro
 Tomando o cobre em contas de mentira.

Mas Tonho faleceu numa caçada...
 Atirou nele mesmo, de arrancada,
 Quando espantava abelha e muriçoca.

E seja pela culpa ou pelo peso,
 O Espírito de Tonho ficou preso
 Sete anos no barro com minhoca...

Obrigações pequeninas...
 Nenhuma deixes sem trato.
 Picada de maribondo
 Castiga onça no mato.

Beleza, glória, alegria...
 Não tomes festas em vão.
 A festa desgovernada
 E' carro de contramão.

Humanidade — um só povo
 Diante da vida imensa.
 Esforço de cada um —
 Medida de diferença.

NOVENTA CRUZEIROS

Toc, toc... vai lá Adão Passoca
 — Coronel da fazenda enorme e rica —,
 Vai cobrar uma conta da botica
 À pobre cozinheira Nhá Candoca.

A velhinha, deitada na maloca,
 Pede prazo mais longo... Chora e explica.
 Sente febre, tem fome, sua em bica,
 Almoça e janta milho de pipoca...

O Coronel nervoso ergue o cajado,
 Esbraveja mostrando o punho irado
 E, a expulsá-la da choça, espuma e berra...

Mas de tanto gritar, rude e mordente,
 Por noventa cruzeiros simplesmente,
 Cai fulminado e roxo sobre a terra.

Ninguém consegue alterar
A força deste preceito:
Quem mal começa o que faz
Nunca termina direito.

Caridade que deseje
Transformar-se em vida sã,
Se tem auxílio que dar
Não deixe para amanhã.

Felicidade reclama
Que o homem faça direito
Não aquilo que se quer
Mas o que deve ser feito.

ESCONJURO

Espantemos a ignorância com o Espiritismo, neste mundo e no outro.

Depois de morto, o Tonho Fazendeiro,
Ricaço do Varjão de Tapiruva,
Deu de morar num galho de criúva
E assombrar as galinhas do terreiro.

Roncava ser grandão e manda-chuva,
Xingava e gargalhava o dia inteiro.
Queria terra e sacos de dinheiro,
A debochar das preces da viúva.

Certa noite surgiu sobre o sarilho
O Espírito do pai que disse: — “Filho,
Deus te abençoe, meu filho, meu Antônio!”

Mas Nhô Tonho correu pulando um muro,
Berrou que nem cabrito: — “Te esconjuro!”
Pensando que o pai dele era o demônio...

“Quem foge ao mar não se afoga”,
 Repete o povo onde vais,
 Contudo, quem não se arrisca
 Nunca se afasta do cais.

Dinheiro e palha — um só peso
 Pelo prumo da balança,
 Mas dinheiro com bondade
 Renova a luz da esperança.

Não há noite tão profunda
 De tentação ou pesar,
 Que o pensamento na prece
 Não consiga iluminar.

BOTA-FORA DE NHÔ CHICO

Caiu Nhô Chico morto, ao fim da janta,
 Papou tatu ervado e foi caipora.
 O povo segue o enterro, reza e chora:
 — “Coitado de Nhô Chico Couro D’Anta!”

O avarento vivia de penhora.
 Sovinaria nele era já tanta,
 Que engastalhava o cuspe na garganta
 Com pena de jogar o cuspe fora...

Mas Nhô Chico sabia tanto ensino!
 Assunto o céu sereno e não atino
 Por onde sobe ele e se agasalha...

Pasmo, vejo o caixão roxinho perto;
 Nhô Chico está no corpo, de olho esperto,
 Caçando aflito um bolso na mortalha...

Onde a força manda em tudo,
 Não dês conselhos em vão.
 No terreno da galinha,
 Barata não tem razão.

100

Doutrinação sem trabalho,
 Conflito que não discuto.
 Conselho sem benefício,
 Figueira que não dá fruto.

101

Ensino sem boas obras,
 Caixa dourada mas ôca...
 Discurso que o vento leva
 Tão logo escapa da boca.

102

Nem sempre existe defeito
 Onde o chiste desagrade.
 Às vezes a troça é o jeito
 De transmitir a verdade.

AO LEITOR

Faça uma assinatura do "Reformador", o mais antigo e tradicional órgão da imprensa espírita do Brasil. Através da sua leitura, rigorosamente selecionada, você estará sempre atualizado com o movimento espírita e inteirado do pensamento e orientação da Casa-Máter do Espiritismo.

*

Não encontrando nas livrarias o livro espírita que você procura, peça-o diretamente ao Departamento Editorial da FEB, pelo Serviço de Reembolso Postal.

*

Nosso catálogo de livros espíritas é distribuído gratuitamente. Para recebê-lo, basta solicitá-lo, enviando-nos seu nome e endereço.

*

Você pode receber em primeira mão qualquer obra nova que seja lançada pela FEB, inscrevendo-se, para isso, em nosso Departamento Editorial.

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA
Rua Souza Valente, 17 — ZC-08
20000 — Rio, GB — Brasil

espiritismo

o espírito de
CORNÉLIO
PIRES

WALDO VIEIRA
FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER

